

1  
ESCUDO

# reporter.

Semanario das  
grandes reportagens

ANO I

25 de Outubro de 1930

Numero 12



ASSUNTOS SENSACIONAIS DÊSTE NÚMERO: Há em Portugal plantas devoradoras? —  
A perfidia de uma Dama de Espadas — O que João Chagas não disse nas suas memórias

# ◆◆ Grande Hotel da Batalha ◆◆

**Completamente renovado**

**MANUEL FERRAZ & C., L. DA**

□ Magnificas instalações □

Serviço de mesa primoroso  
EXPLINDIDA SALA DE JANTAR

Higiene e conforto

**P. DA BATALHA = PORTO**

**TELEFONE, 247**

## MANUEL JOAQUIM BARBOSA

PAPEIS, ARTIGOS GRAFICOS, COMISSÕES E CONTA PRÓPRIA  
Telefone 5039

Rua da Picária, 37 — PORTO

Visite V. Ex.º

## Hotel Restaurant Pinto Bessa

Rua da Estação, 56-PORTO-Telef. 4524

Instalações modernas—Quartos com todo o conforto e higiene—Quarto de banho em todos os andares — Permanente serviço de restauração — Preços modicos — Visita-l-o e preferi-lo.

Proprietário — LUÍZ CORREIA

## CAFÉ CONCERTO PRIMAVERA

Travessa da Picária, 28

O maior Salão Dancing do Porto

TODAS AS NITES NOVAS VARIADADES — «SOIRÉES»

Serviço de Restaurante e Gabinetes

— ABERTO TODA A NOITE

## CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES DE PREDIOS

Especialidades em pinturas

A. R. CARVALHO

Construtor civil diplomado

Rua da Picária, 8 — PORTO

## VICTORIA CAFÉ

Praça Guilherme Gomes Fernandes, 66

### BAR

Galeria de Paris, 109 — PORTO

**O** mais confortável  
mais completo □  
mais higiénico □

Grande êxito de todas as noites

Fados pela cantora: 'iz Leonor Fialho — Explendidos salões de Jogos, Bilhares e Ping-Pong — Pequenos almoços, Lanches — Comentos todos os dias das 21 horas em diante

## NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil e América do Norte



**PASSAPORTES**

Agente no Norte

da United States Lines

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62 PORTO

## É caro? É! Mas no ESCONDIDINHO

come-se, porque o ESCONDIDINHO

é quem melhor serve.

□ □

A sua cozinha, os seus «ménus», os seus serviços, os seus talheres, os seus vinhos são celebres e não têm rival.

□ □

Rua Passos Manuel — PORTO

V. Ex.º deseja comprar barato? Elegante? Na ultima moda?

EXPERIMENTE E VERÁ!!!

## SAPATARIA LAGES

R. Santo Ildefonso, 20-PORTO

## MAQUINAS FOTOGRAFICAS

DANIEL AUGUSTO BENTO

A pagamentos semanais de 10\$00, com sorteio pela lotaria de Lisboa

FOTO-ESTRELA POLAR

82 — Rua de Santa Catarina — 84  
Telefone: 2158 PORTO

## SABÃO CASTELO

O melhor produto para tirar nodos

Preço 1\$00

À venda em todas as drograrias

## COELHO DA COSTA

AGENTE OFICIAL

Trata de todos os documentos e tira passaportes para o Brasil, França, etc., e vende passagens em todas as classes, tanto para embarcar em Leixões como em Lisboa

Escrever ou falar para a RUA CHÁ, 129-132 — PORTO

TELEFONES (Agencia 1412 Residencia 2187)

## Mendonça, L. da

## COMPRA E VENDA

## DE PROPRIEDADES

COLOCAÇÃO DE CAPITAL

EM 1.ª HIPOTECAS



**Rossio, 74-1.º**

## Encerados

Capas e fatos de oleado

Gabardines desde 150\$00

Consultem a

Fábrica Portuense de Encerados

Rua da Restauração, 132

TELEFONE 4770

PORTO

## VISITE o CLUB RITZ

R. Fernandes Tomaz, 817

PORTO

Explendida orquestra «JAZZ»  
A CANÇÃO NACIONAL pelos mais afamados cantores do PORTO e LISBOA

MODICIDADE DE PREÇOS  
Antes de escrever portátil ou para escritório, sirva-se V. Ex.º

pedir oferta da

## UNDERWOOD

ao agente:

CARLOS DUNHEIL - R. Sá da Bandeira, 62

Telefone: 1013 — PORTO

## “GARANTIA”

COMPANHIA DE SEGUROS

(FUNDADA EM 1858)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00

Reservas em 31 de Dezembro de 1927

Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lisa pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece à matemática e esta é uma sci. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a credenciação o seu passado.

SEDE  
Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO  
(edifício FOPAL)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14

Cruz Buncarrie Sousa, Cruz & C.ª, L.ª da

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 a 71

(EDIFÍCIO PROPÍO)

## AGENCIA “A PORTUENSE”

(DAS MAIS ANTIGAS DE PORTUGAL)

□ □

Passagens e Passaportes

— Honestidade e competencia —

□ □

Fornecem-se todos os esclarecimentos por correspondencia, a quem os pedir

□ □

TELEFONE 123

R. do Corpo da Guarda, 15

PORTO

## Escudos 3\$00

20 SEMANAS

Os melhores e mais chicos chapéus a prestações e com bonus

Inscruva-se já para esta semana por apresentação ou conhecimento

terá um bom chapéu no acto da inscrição

□ □

Chapelaria Portela

Telefone 1776

Praça dos Poveiros, 80

PORTO

# reporter

## Homens & Factos do Dia

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM  
E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos  
os acontecimentos de sensação  
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda  
simultaneamente em todo o país

DIRECTOR

**REINALDO FERREIRA**

(REPORTER X)

Director-Gerente, Administrador e Editor  
**ANGELO DE AZEVEDO FERREIRA**

Chefe da Redacção  
**MARIO DOMINGUES**

Propriedade única de Angelo e Reinaldo Ferreira

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE  
ROSSIO, 3, 3.º — TELEFONE 29442 — LISBOA  
Esd. Teleg.: REPORTERX — LISBOA

DELEGACIÃO NO PORTO — RUA DO ALMADA, 10

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
TIPOGRAFIA SILVAS, LTD.  
RUA D. PEDRO V, 120 — LISBOA — TELEFONE 23121

PREÇO DAS ASSINATURAS

3	meses—série de 12 números—	Esc. 11\$50
6	“ “ “ 25 “	—Esc. 22\$50
12	“ “ “ 52 “	—Esc. 44\$50

### O «bas-fond» da mendicidade

**S**E não fosse uma pessoa modesta iniciaria este comentário com esta frase enfática e gloriosa: Quando eu fui mendigo... Sim, não sei se os senhores sabem ou se se recordam de que, na lua de mel com o jornalismo, me andarei com o fregolismo teatral de mendigo e calcurrei toda uma noite, até às primeiras pétalas de luz da manhã, as ruas da cidade choramingando, lamuriando, sorvendo esmolas com elogioso resultado financeiro... Não quero, porém, evocar os ensinamentos práticos e directos que tirei dessa reportagem... Convém mesmo esquecê-los.

O mendigo é uma nódoa numa cidade moderna. Nas grandes cidades modernas—não são «visíveis», pelo menos. Em Lisboa houve uma espécie de ceifa, há uns meses. Depois—depois reapareceram em grande parada. Bem sei que existem mendigos e mendigos. Proibir de pedir esmola a um ente impossibilitado de ganhar a vida sem que, imediatamente, se lhe garanta o pão e a ca-



ma—é condená-lo à morte pela fome e pelo frio. Que os asilos não chegam para abrigar todos os que a polícia arrebanha pelos portais e esconos da cidade... Pois comecemos pelo princípio: comecemos por criar locais onde esses «seres humanos» vivam.

A grande maioria dos mendigos, precisamente aqueles que melhor declinam a nossa sensibilidade, que mais nos afligem com a sua desgraça, são os que menos necessitam, porque fizeram da pedincha um negócio a sério, lucrativo, quantoisso, que chega a enriquecer alguns...

Há tempo, uma madrugada, subíamos a Avenida, o dr. Da Cunha Dias e eu. Num portal próximo dum club anchavam-se um esqueleto humano com trajes femininos e quatro petizes descalços, amarelentos, aflitivos... Um polícia, com evidente compaixão, remeceu naquêles farrapos e sem pressas pediu-lhes que saíssem dali. Um dos petizes, mal pôs as palmas dos pés no passeio gelado e húmido, começou a lançar gemidos dolorosos, reumatismo, reumatismo sífilítico seguramente, a triturar os ossos daquele inocente. Tanto o dr. Da Cunha Dias como eu temos filhos—filhos que estavam daquela hora em leitos banais, mas jófos e tépidos. O coração contraiu-se-nos como num remorso, como se fôssemos os causadores daquêlle calvário. Despejámos os bolsos impondo à mulher, que ficava habilitada a uma noite de abrigo, a condição de se ir deitar com as crianças. «Veja lá, mulherzinha—dizemos.—Se não chega, diga...» E o dr. Da Cunha Dias acrescentou: «Se não chega vêm dormir a minha casa!». E a mulher, agradecendo, contestou:—«Muito obrigada, meus senhores. Eu estava a ver se reínta o dinheiro suficiente para a hospedagem... Agora já não é preciso estarmos ao relento». Partiram à nossa frente, o petizo a chorar sempre—até desaparecerem a uma esquina. Nós jófos até à Rotunda, deambulando, palestrando, sem sóno... E à volta para a Praça dos Restauradores lá estavam, no mesmo portal, a mesma fêmea e os mesmos inocentes... Não se tratava, pois, da necessidade de dinheiro para o abrigo de uma noite—mas sim dum negócio ao qual sacrificavam as pobres crianças.

Estamos habituados às histórias de mendigos; por isso, entre negarmos a esmola a um «autêntico» a dá-la a um comediante, não hesitamos... Preferimos a tranqüillidade de consciência. Mais uma razão para se apressar um verdadeiro inquirido à mendicidade. As crianças alagam-se—está provado. Os postos rendosos trespassam-se. Ainda há

pouco tempo, um tal «Narizona» vendeu o seu lugar no Lorêto por uma sóma calada... E quantos outros mistérios em que a polícia devia intervir! Um conhecemos nós—que daria mais do que um caso policial, daria um romance! Uma desgraçada a quem o soute-nor elegante, por não lhe encontrar, talvez, qualidades físicas para a explorar doutra forma, a obriga pedinchar esmola, ao cair da noite, nas vizinhanças de certos hospitais, essa desgraçada que meia Lisboa conhece—teve princípios...

De que lódo é feita a alma humana! Quando um homem de consciência atinge certa altura da existência e teme pelos pecados que cometeu e se compara a certos semelhantes, sente, por vezes, a vaidade de pedir ao Papa que o canonize em vida—tão fundo é o abismo que o separa dos outros homens de bem... E são estes e não aqueles os que passam o tempo a maldizer, pelos cafés... Até um dia, em que se descubra a verdade e a tornemos pública.

REPORTER X

### «REPORTER X»

é o semanário de maior tiragem e expansão em Portugal

Com o presente número completa o Reporter X o seu primeiro trimestre de existência. Nasceu um pouco enfezado, mas como a sua construção orgânica interna era boa, depressa enrijeceu, o bebé. Agora... já não decorridos, apresenta-se forte, sadio, com boas cores e disposto a viver uma existência de muitos anos.

Durante estes escassos meses de vida já sofreu muito: empastelamentos, ameaças, tentativas de suborno, o demónio! A tudo tem resistido. Nada como as dificuldades para robustecer o ânimo e ensinar os homens a viver.

Reporter X está fazendo a cobrança do primeiro trimestre aos seus assinantes. É mínima, insignificante, a percentagem dos que têm de volteio os seus recibos, que voltam de novo para o correio na esperança de serem melhor sucedidos.

Reporter X publicará pelo Natal um número especial, dedicado às festividades próprias dessa quadra do ano. Calculamos pela procura que os números habituais têm tido, que o volume de leitores aumentará extraordinariamente para esse número especial. Rogamos, por isso, aos nossos prezados leitores a fineza de nos enviarem já os pedidos para o número do Natal a fim de fazermos um cálculo aproximado dos exemplares a imprimir, visto fazermos uma única impressão.

Reporter X, que desde o seu primeiro número logo se calculou em tiragem e expansão à frente dos jornais da sua categoria, só hoje, volvidos três meses, consolidado já a sua reputação, inscreve no seu cabeçalho estas palavras, que são a rigorosa expressão da verdade:

**Reporter X** o semanário de maior tiragem e expansão em Portugal.



## REPORTAGEM AS AVENIDAS

Ma  
quando  
o seu idílio  
legal abeço-  
rou pela Igreja  
florido com as duas líni-  
cas filhas — Ziza, Valgo,  
Zíntia — mais vultosa e  
Dália, vulgo «Dadinda», mais  
nova, com a diferença apenas de dez  
meses, uma de outra, os defeitos dos  
pápás agravaram-se. Ampe pela belezeta dos  
ultrapassos? Não, de modo nenhum. Os  
vieses cabíveis de luxo e filadélfia, quando o  
para seguir primeiro andar, Madrid, no n.º 32 da  
Avenida.

— Já educação das pequenas foi pessima; mas  
atraso com a boa educação em casa teremo quando  
nos conseguem dar bom futuro, às vezes, a  
educação errada em almas predelictadas e mercedo-  
sidade de melhores. —  
— O preço  
— é o primeiro  
— acossou-se o meu  
— e benévolo amigo  
— a quem está de coração  
— a série de «reportagens sobre as  
avenidas». — Vocês abúscos demostri-  
dos seus deversos literários em favor dos  
de jornalistas, escrevendo lida a «cidade» os  
vívidos que lhe revelo que os vários elentos  
julgam-se — e com razão — espantados no papel  
de seus torais.

«Portanto... cuidado! Vou adunar até à opo-  
sidade os pseudónimos e todos os voçingos que  
podam bunsolar os leitores.

«Sou minha palavra de honra, garantido que o  
pequeno drama das avenidas que vos conta, ha-  
passou-se numa das trinta e cinco avenidas de Lis-  
boa — no n.º 32, 1.º andar».

### ZIZINHA E DADINDA

«O sr. Luciano Cardoso, comerciante de alto ní-  
vel, sua legítima esposa, e redonda Maria Quin-  
tela de Alentejo, dono assim de casa de novos ricos —  
mas novos ricos sem nunca o terem sido; da série  
dos — muito antes de se ter inaugurado a nova  
rua com os «arrivados» da Guerra, Burgueses e pobres  
ranchos no casarem, mas sendo ela extraordinari-  
mente pretensiosa e tão ele ambiciono e po-  
dente, agastaram mutuamente os detalhes, carac-  
terizando-se em antipáticas, gastando como rios.

«Ossuavel»

«A educação das pequenas foi pessima; mas  
atraso com a boa educação em casa teremo quando  
nos conseguem dar bom futuro, às vezes, a  
educação errada em almas predelictadas e mercedo-  
sidade de melhores. —

«O preço  
— é o primeiro  
— acossou-se o meu  
— e benévolo amigo  
— a quem está de coração  
— a série de «reportagens sobre as  
avenidas». — Vocês abúscos demostri-  
dos seus deversos literários em favor dos  
de jornalistas, escrevendo lida a «cidade» os  
vívidos que lhe revelo que os vários elentos  
julgam-se — e com razão — espantados no papel  
de seus torais.

«Portanto... cuidado! Vou adunar até à opo-  
sidade os pseudónimos e todos os voçingos que  
podam bunsolar os leitores.

### ZIZINHA E DADINDA

«O sr. Luciano Cardoso, comerciante de alto ní-  
vel, sua legítima esposa, e redonda Maria Quin-  
tela de Alentejo, dono assim de casa de novos ricos —  
mas novos ricos sem nunca o terem sido; da série  
dos — muito antes de se ter inaugurado a nova  
rua com os «arrivados» da Guerra, Burgueses e pobres  
ranchos no casarem, mas sendo ela extraordinari-  
mente pretensiosa e tão ele ambiciono e po-  
dente, agastaram mutuamente os detalhes, carac-  
terizando-se em antipáticas, gastando como rios.

«Ossuavel»

«A educação das pequenas foi pessima; mas  
atraso com a boa educação em casa teremo quando  
nos conseguem dar bom futuro, às vezes, a  
educação errada em almas predelictadas e mercedo-  
sidade de melhores. —

«O preço  
— é o primeiro  
— acossou-se o meu  
— e benévolo amigo  
— a quem está de coração  
— a série de «reportagens sobre as  
avenidas». — Vocês abúscos demostri-  
dos seus deversos literários em favor dos  
de jornalistas, escrevendo lida a «cidade» os  
vívidos que lhe revelo que os vários elentos  
julgam-se — e com razão — espantados no papel  
de seus torais.

«Portanto... cuidado! Vou adunar até à opo-  
sidade os pseudónimos e todos os voçingos que  
podam bunsolar os leitores.

## Lisboa vai ter um "Palace"?

O que é, por dentro, urande hotel cosmopolita

A Câmara Municipal, enfrentando o mais grave  
atrito do nosso turismo, resolveu aprovar  
a construção de um grande hotel — de um  
«Palace» — em Lisboa. Todo o portuque-  
do nunca tinha pulado para além-fronteira não  
sabe sequer o que é um grande hotel nem a sua  
importância na vida social duma cidade, e cum-  
plir. Entre todas as deliciações deste Portugal  
que se abraça um século do ritmo da civilização  
— a mais ativa e à da indústria turística.

Comecemos pela provincia. A parte as principais  
cidades — o hotel providenciado continha contem-  
porânea da estagnação do século XVIII.  
Em 1900 por certo dos hotéis de Lisboa não  
existe casa de banho (exceto a privativa)... Exis-  
te, em alguns, uma diabolina banheira de água  
colectiva, para todos os hospedes, e nela de-  
vemos estar refratário, como contumeliosidade, o corpo  
lento, e mesmo assim esperando a vez.

Camilo Castelo Branco, nas «Vinte horas de  
littera», após a narrativa de varios episodios em  
cabro, escuta ao companheiro de jornada, quando  
vai a entrar para um quarto de estagnação, e a  
sua apançada e amador amigo — «E os seus dormi-  
ram sem mesma alvora dos despragados que  
eram trapalhados, insassatisfeitos, e não a noite.  
Amãhã lhe contarei o romance...» Camilo, im-  
pressionado com essa intimação, não pôde pregar  
olhos. As sombras pareciam citar fantasmas. O vento  
assemblava-se aos gemidos de agonizantes.  
E para camilo, bustos de ferozes perceções, sem  
pensar nem piedade, maltravavam-no cruel-  
mente. Na manhã seguinte, o companheiro de via-  
gem disse-lhe, trónico: «Ela bem he preveniu que  
aquele quarto era tónico... O caso que lhe querê  
anos foi assassinado ali dentro...». — «E minha  
mulher e os assassinos, os perceções, avoent-  
dos, e sem pensar nem piedade, maltravavam-no  
cruelmente. Na manhã seguinte, o companheiro de via-  
gem disse-lhe, trónico: «Ela bem he preveniu que  
aquele quarto era tónico... O caso que lhe querê  
anos foi assassinado ali dentro...».

«Ela bem he preveniu que  
aquele quarto era tónico... O caso que lhe querê  
anos foi assassinado ali dentro...».

«Ela bem he preveniu que  
aquele quarto era tónico... O caso que lhe querê  
anos foi assassinado ali dentro...».

«Ela bem he preveniu que  
aquele quarto era tónico... O caso que lhe querê  
anos foi assassinado ali dentro...».

«Ela bem he preveniu que  
aquele quarto era tónico... O caso que lhe querê  
anos foi assassinado ali dentro...».

«Ela bem he preveniu que  
aquele quarto era tónico... O caso que lhe querê  
anos foi assassinado ali dentro...».

rants, grill-rooms e cavaas; e com a entrada livre;  
ou os seus estabelecimentos, cinemas e teatros  
interios, é como que o specimen misturado e sin-  
tético de uma grande cidade incruentada em Ma-  
drid para que Madrid, finalmente, e convi-  
do com os estrangeiros civilizados que vi-  
viam a Madrid, porque Madrid possuía o «Palace».  
— aprendesse a ser civilizada... A maioria dos de-  
feitos e dos estranhos, que se apresentaram em  
Lisboa vieram a escola de um grande Palace...  
— a grande mansão turística, o «Palace», em nada  
se assemelha aos hotéis antigos.

Este novo modelo de hotel tem a sua história.

## ENIGMAS MÉDICO-SOCIAIS

De vez em  
quando há  
um movimento  
de tolerância para  
gostarem como sucede  
com um casal de lepro-  
sitos, cantores de capangas e que-  
ridos da elite parisiense, que usam  
suas lavras isoladoras e cobrem os  
seus dentes de desdentado feroz  
enfermidade com uma maquiagem especial.  
Mas, aparte um ou outro caso esporádico, o gabo-  
do médico e exacto pediatra, bem se  
E se não for profano a genealogia dessas gar-  
ças monstruosas, por certo, logo, o contami-  
nador bíblico — o Anaxero fatal.

PORQUE NÃO SE CONHECE  
O REMÉDIO CONTRA A LEPRÁ?

Ditamos definitivamente os tempos bíblicos,  
que evocamos apenas para traçar de fundo o  
fundo dos séculos e estrada misteriosa que nos conduz  
a nossa época, e occupem-nos agora de casos dos  
nossos dias.

Se os egípcios com a sua sciencia hermitica —  
que os sábios de hoje consideram empirica — con-  
seguiram exterminar no Egipto uma das sete  
pragas, que devia ser a peste, porque a sua  
sciencia do nosso tempo, positiva, servida por  
certos recursos, applicados em laboratorios  
ravilhosos, não descobriu ainda a cura da horro-  
sa enfermidade? E não teria já algum crebro  
privilegiado feito essa descoberta, sem que o seu  
jeito benemerito houvera chegado ao conhecimento  
de alguma grande phisique? Teria algum evitado  
por qualquer modo, ainda o mais repugnante, que  
a grande descoberta phisique, applicada em gran-  
de escala, os seus benéficos efeitos?

Raciocinemos, leitor, porque o raciocínio penetra  
as muralhas mais espessas e atira-se para  
casas mais longinquoas. Raciocinemos, pois,  
quanto a nós, por momentos a olhar um facto  
que passou despercebido: o dr. Anaxero foi prohibido  
de fazer clinica — e era médico. Por quem?

Entrelacemos neste facto o pormenor de que os  
após o seu cartado partiam de médicos e jun-  
tos-moite esta anecdota, porque as anecdotas, com a  
sua filosofia especial, tem o condão de illumina-  
rem a mente e a consciencia, e a verdade occulta em  
uma surtida opaca.

Um boi, morto, experimentado e positivo, deu  
uma tremenda decomposição no fillo —  
moda em medicina phisica, e a existencia  
carnapá do ovoído do ente tico... uma carcarna-  
simplis que fazia jogar a vida boia conta de  
seus dias, para se alicheros do vilho escápio.

### A MORTE MISTERIOSA DE CÂMARA PESTANA

Mas temos um caso mais eloquente do que este  
anexo, mais expressivo do que a prohibição de  
Anaxero exercer clinica — o caso de Pestana.  
Pouco honrada de «Littera», «Littera» são os va-  
do, los impedidos, los perseguidos como Pas-  
tor, sua esposa, sua familia, sua vida, sua  
eram claras, confidentes, inabituaveis. Mas os in-  
tellectos usavam a erudição e alhos factos e a  
pêto junto. Combatião-nos pela catania.

E quem eram os seus inimigos? Os médicos —  
os médicos inimigos do Médico superior e huma-  
nitario.

Por que?

Porque ele a extrair a marcação pegada, do orella  
do patiente.  
Os médicos odetam-se mutuamente, mas ao  
mesmo tempo jumam-se numa defeza maxima da  
consciencia, e a consciencia, e a consciencia, e a  
um idealista do Bem, se lembra de lhes deitar  
salto a legreghia. O ginha-pão do medico é a  
doença, não é a cura.



«E os telto-  
res lembran-  
se da morte de  
CÂMARA PESTANA, o Pastor  
português? A  
inoculação casual da peste  
bubonica. Quem pôde provar esse  
asserto?»

Câmara Pestana, hereticamente — um he do  
Sciencia, um illumado, porque a Sciencia tinham  
tem — estrada ser place a terrível epidemia.  
Val para o Porto, quando outros medicos da  
logem. Ali, applicado a dar combate ao flagello.  
Estuda, trabalha e consegue — sabe-se — ter  
muito preciosos elementos para a extirpação da peste.  
Está prestes a alcançar a meta luminosa da grande  
descoberta — e é solitariamente inoculado pelo  
viroz fatal.

Havia no laboratorio varios tubos com caldo  
de cultura de bacillus, absolutamente inoffensivos.  
Mas da Alemanha tinham chegado duas garra-  
fetas, que allegam Africa, com tubos com caldo  
de cultura de bacillus perigosos. Nalguma da Ca-  
mara Pestana lioz trabalhar com o caldo nacional.  
Estava desprevenido. Um dos tubos quebra-se  
na mão e inocula-se a doença. Entre os muitos  
tubos portugueses havia um alvoro abarrado  
muitissimo dos cativos chegado nas vesperas.  
Querem mais conciderar?

Luiz de Freitas, um sabio, é acusado e peço  
por ter envenenado uma familia inteira. Expone-  
se com isso, puxado a ligítima, porque deza fa-  
milia.

(Continua no pag. 14)



Dr. António de Freitas



# As plantas que devoraram pessoas

A literatura de imaginação e a literatura científica — Uma revista não-americana que afirma existir dessas plantas tenebrosas — O desaparecimento misterioso de crianças

REPORTER X — jornal — não é e muito menos aspira a ser um órgão de fantasias científicas nem um especialista da reportagem no crime, como os outros dos dramas do velho «Príncipe Real». É o que é países mais civilizados do mundo nos seus interesses, com a posta pelos «stars» do jornalismo, exclusivamente dedicada à exploração desse carnavalesco da vida.

No género «fantasia científica» foi Julio Verne quem criou a literatura — dilata-se a descoberta científicas da época até ao diâmetro imaginativo — e profetizou — da aventura romântica e emocionante. E se houve predilectos contemporâneos de Verne, que o encarnaram, a verdade é que ele alcançou a glória e a fama, vitória dos seus criados mas pobres de imaginação — que a imaginação é o espírito na ciência como nas artes, segundo a nossa opinião.

O êxito que este género obteve na literatura através do jornalismo arrastando um «jornalismo profético científico» para todos os paládios.

O «Reporter X» não se especializou nestes nem em qualquer outro género jornalístico. O que procura, assim, para bem cumprir o seu lema de «Semestário das grandes reportagens», e trazer ao conhecimento do público acontecimentos factuais de máximo interesse e actualidade, qualquer que seja o terreno onde o descolou.

É a razão por que não desdenhamos o caso das «Plantas devoradoras», por muito estranho e perturbador que seja o assunto, tão pouco mais que está, desde a origem, enlaçado ao nome de Portugal, oferecendo, portanto, um interesse muito especial aos nossos leitores, e uma profunda impressão a todo o país, na medida bastante visível de se obter uma informação — Contado.

Não só como jornalistas mas também como particulares, sentimos uma curiosidade sensorial pela leitura ou pelo simples espectáculo gráfico dos jornal e ilustrações de toda a natureza. E a graça e a curiosidade que conseguimos estar em dia com a vida universal, até às mínimas mais desagradáveis, em muitos dos seus aspectos... Assim, há pouco tempo, demos fé de um assunto, pelo menos, conhecido de um Verne chamado «A viagem de Smith — intitulado «Marooned in Andromeda» — e «Abandonados na Andromeda».

É a graça e a curiosidade que conseguimos estar em dia com a vida universal, até às mínimas mais desagradáveis, em muitos dos seus aspectos... Assim, há pouco tempo, demos fé de um assunto, pelo menos, conhecido de um Verne chamado «A viagem de Smith — intitulado «Marooned in Andromeda» — e «Abandonados na Andromeda».

«Lemos este artigo «de ciência profética», com um sorriso benevolente, e logo em vez de criticarmos, a ousadia imaginativa do jornalista que o escreveu e cujo nome era a primeira vez que encontramos. Mas longe de

não a suposição de que essa «fantasia profética» produza a «brevete» que logo a seguir constatamos. Um mês depois, a «Wonder Scientific», que nos apresenta um interessante conto «profético» nem com ar de literário, imitando até, nos seus escrupulos, as revistas científicas alemãs, lança o alarme, que chega

leitura, aos portugueses, e pode, em hipótese, receber como um grande acontecimento, silenciamos-nos representando um imprevisto pecado jornalístico — tomamos a sério e solene atitude: que o bom crítico e a consciência nos indicam: a de relatarmos textualmente o que outros disseram.

mentos em que as suas afirmações alcançam a culminância do interesse.

«O artigo do nosso colega torna-se necessário pela crença do autor julgando-se no direito de ter sido assistido aos espectáculos de vários espécimes inferiores e inofensivos das «plantas devoradoras», através os quais se alimentam de insectos, aranhas, outros animais-cidades, fechando-os, sugando-os...»

«...mas Los Angeles não era uma grande cidade com arranha céus e abrigava apenas meia dúzia de pescadores que viviam em duas ou três cabanas (o que não foi lá muito anos) houve um reporter de S. Francisco que veranizando num yacht pelas costas do Pacífico, e depois desembarcado, escutou aos habitantes da terrova uma revelação impressionante... Que um «cranche» pouco numeroso de índios «abandonados» pelo governo, que vivia a um ou quilómetros da floresta, começara a alarmar-se pelo desaparecimento frequente de crianças que se afastavam um pouco do local habitual. Um pai «mais cauteloso» seguira um dia à ranchada dos petizes e assistira a este espectáculo horrível: um deles, que corria em perseguição pelo desaparecimento frequente de crianças que se afastavam um pouco do local habitual. Um pai «mais cauteloso» seguira um dia à ranchada dos petizes e assistira a este espectáculo horrível: um deles, que corria em perseguição pelo desaparecimento frequente de crianças que se afastavam um pouco do local habitual.

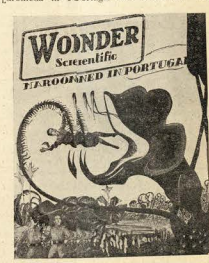


País, realmente, uma nova e mortal ameaça sobre as crianças da Califórnia e de Portugal?

até nós e que «chega a nós» directa e claramente, visto que Portugal é por ele citado; e nam «artigo a sério», assinado por um «escritor a sério» — Norman J. Bonney, desertor dos laboratórios de Edison para se oferecer ao jornalismo e à literatura — só desdenha Clark Ashton Smith e o seu artigo «Marooned in Andromeda» porque o encontramos estranho, que dizer: por aquele colega ter colocado na imprensa conjuntura de um planeta anónimo um fenómeno real, autêntico e já comprovado no nosso planeta... Onde? Na Califórnia... e em Portugal. Existem na Califórnia e em Portugal plantas devoradoras de homens? E o autoríssimo Norman J. Bonney quem o afirmou na sua «Wonder Scientific», reproduzido até a capa em que o outro «magazine» aludia ao assunto — e que nós publicamos em «fac-símil», para melhor demonstração aos leitores.

Podamos, escudados por nomes que citamos, prosseguir o nosso artigo com ênfase de quem afirma uma verdade indiscutível. Não por covardia que não o fazemos: é por honestidade profissional. Pode o «Reporter X» equivoocar-se em assuntos frívulos... o jornal a qual tal prelaço não tenha sucedido que nos atire a primeira pedra. Mas quando focamos assuntos graves como este, grave apenas pelo gigantismo das revelações científicas que irradiam necessariamente, que abrimos a janela do nosso laboratório jornalístico e convidamos os leitores a entrarem e a assistirem à manufactura do artigo, oferecendo-lhes os factos que usamos, para que os consultem. E como, por outro lado, tendo nós conhecimento dum facto que, pelo nome, interessa como

E assim, a título de curiosidade — serve o termo? — repropomos-nos o que Norman J. Bonney, autor discípulo do famoso Edison escreve no «Wonder Scientific», de New York, no seu número de Outubro, sob o título de «Andromeda in Pórtugal and California» —



Fac-símil da capa de uma revista que trata do tenebrosos assunto.

# O «Reporter X» no Teatro

O Teatro Variedades, que um empresário europeu — no sentido da civilização — dirige e onde uma constelação de autênticas estrelas rebriha numa apoteose (Beatriz Costa, Lua de Oliveira, Zulmira Miranda, Mari-Laura, Maria Cristina) e onde alguns «stars» masculinos completam a harmonia (Antonio Gomes, Alvaro Pereira, Santos Carvalho (do Porto) e Carlos Alves), aumentou a revista em scena — «Cavauzinho» — com um

de los dramas policíacos — representou há pouco, no «Roma» de Madrid, «El regolli del metropolitano», cuja acção se desenvolve toda em redor de um grande reporter que substitui o classico detective na descoberta do classico mysterio. Outro espírito do teatro, Pedro Marañal, tem um «vaudeville» — «La noia del Xalet» — cujo senário unico é uma redacção com todos os seus episódios, exagerados e caricaturais, que provocam constantes gargalhadas. A França tem uma peça se sério, passada num jornal fantástico. E Marcel «Le vendu» de Charles Dupont e Marcel Allain, representada no «Ambigu». Outro comediofaro francês, Charles Mauré, anuncia para esta temporada «A la sensation...» — farça irónica sobre o jornalismo sensacionalista. Os ingleses e os americanos são os que mais aproveitaram este assunto no teatro. Edgar Wallace — fabricante de romances e dramas «à la minute» — tem The Great News-Paper, que esteve dois anos graduado ao cartaz e que é a dramatização da luta de um grupo de jornalistas novos e honestos contra o subórno e a ameaça de bandos influentes. A propósito de Edgar Wallace, que, repetimos, usa a miúdo o assunto jornalístico nas suas peças, conta-se a seguinte anecdotia. Uma manhã, certo empresário, ansioso por receber uma dessas peças prometidas, telefona-lhe. É um secretário de Edgar Wallace quem o atende: «E desejava falar com Wallace...» — «Impossível» — responde o secretário. — Wallace começou agora mesmo a escrever os três actos da sua peça e não fala a ninguém enquanto não a terminar! — «Está bem» — exclama o empresário. — Não desligue. Eu espero...»



Beatriz Costa, uma das «estrelas» mais arrojadas que habitam na constelação do Variedades.

novos quadro, «Os Bandidos de Chicago». Nesse novo quadro, que é uma caricatura amavel, fazem-se evocações lisonjeiras ao «Reporter X» jornal e ao «Reporter X» jornalista.

A imprensa e os seus elencos estão sendo, nos ultimos tempos, frequentemente aproveitados como «assunto» teatral. De facto o jornalismo, com todo o cortejo de emoções e de imprevistos que enerva a sua existencia íntima, oferece rico material aos dramaturgos e aos comediofaros que sabem observar e tirar proveito dramático, emotivo ou cómico, dos espectáculos da propria vida. Ramada Cartú, que é sem duvida o autor português que mais tem lutado pela vitória do nosso teatro, já usou desse assunto na sua famosa comédia «O caso do dia». Infelizmente não escolheu o lustre comediofaro a «zona S» do jornalismo para se inspirar. O diário em que lêse a mullita parte da acção da sua peça e os jornalistas que nela surgem são verdadeiramente lamentáveis — vivendo da «chantage» e bussolando as suas opiniões pelo preço dos clientes...

Em Espanha, Linares Decerra, «el rey

dos americanos citaremos Paul Anstorton, com os seus célebres «20.000 dollars» — cuja ultima obra — «The King of Broadway» — um drama de grande espectáculo, desenvolvido por meios jornalísticos, desentolou a casa e que tem um acto exacto do trabalho das «fintopres» e das «rotas». E aqui encontramos a comédia «Retrato da vitima», comédia de jornalistas, em redor de uma reportagem que o nosso director escreveu e que se estruturou no teatro.

Em Portugal está por explorar este assunto. Mas é o novo quadro do «Teatro Variedades» é uma curiosa tentativa pela qual felicitamos a empresa, autores e artistas.

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA





Não sabemos se os leitores acreditam em predições de cartomantes, esses bruxos e bruxas que, manejando as cartas, põem e dispõem do destino de uma pessoa como, por vezes, em uma sala de jogo uma manobra de *barcarat* pode levar um ícone de família ao suicídio. Decerto não ignoram que uma profecia de adivinho, infiltrando-se no ânimo do consulente como a água no areal, pôde conduzir às mais contrariadas tragédias. O mistério de que se rodiam esses profetas de gabinete secreto, à margem da lei e ao abrigo da polícia, suscitava por tal forma os espíritos fracos que o sossago e a felicidade, por vezes, desaparecem por completo.

Há dias, em um teatro, um amigo nosso, cujo nome cometemos a indiscrição de revelar—Stuart Carvalhais—apontou-nos a frisa e chamou-nos a atenção para uma mulher, não muito nova nem bonita, que seguia interessada o movimento da cena. No fundo da frisa esbatia-se um lato preto e alvejavam um peitilho branco e uma calva reluzente.

—Sabes quem é aquela mulher?—preguntou-nos Stuart, obrigando-nos mais uma vez a desviar os olhos da cena para a frisa indicada. Ante a nossa ignorância, informou-nos ao ouvido:

—É a Dama de Paus, inventada naquele momento uma das suas *blagues* plenas de espírito. Mas não, o grande artista conservava-se sério, de uma seriedade de deputado em dia de tempestade na Câmara.

—Mas, que vem a ser isso de Dama de Paus?—inquirimos intrigados. Stuart fez cara de mistério, meditou um momento e disse depois:



A cartomante era uma subido...

# A pérfida Dama de Paus

—Tu já deitaste ou mandaste alguma vez cartas? Não? Pois aquela mulher está envolvida em um drama que teve a sua origem num gabinete de cartomante. É uma longa história que requires tempo e paciência para se contar. Por agora digo-te apenas que aquela mulher era indicada em uma consulta de cartomância pela Dama de Paus e por Dama de Paus é conhecida, embora o seu verdadeiro nome seja Ana—Ana de Oliveira.

Durante o resto do espectáculo, agulhados pelas palavras de Stuart, não tirámos os olhos daquela frisa onde a Dama de Paus, desconhecendo o nosso interesse, se deixava observar à vontade. Era uma mulher vulgar, de rosto banal. Mas,



examinada com maior atenção, descobriam-se-lhe no olhar e no sorriso um quê de lascívia e desleixo, de imoralidade discreta, mais intensa.

É o sujeito calvo, quem era? Stuart encolheu os ombros.

—Qualquer amante de ocasião—respondeu. Fimdo o espectáculo, abancámos em um recanto de café. À instâncias nossas, Stuart Carvalhais contou-nos o que sabia.

Sommo conseguira êle obter, com dados tão completos, a história daquele drama, decorrido há anos e de que os nossos leitores só souberam o deslecho sangrento pelas notícias dos jornais?

—Pelas vizinhas—esclareceu Stuart.—Por cada vizinha que interrogares—disses-nos êle—tens uma reportagem sensacional, para ocultar o grande mistério que provocam grandes parangons nos jornais: os dramas íntimos, solfidos em silêncio, que não trazem ao exterior outro indício senão o êco de um tiro, o espectáculo triste de um funeral ou a presença da polícia que leva algum preso sem que se saibam as causas misteriosas da prisão.

—Te recordas-te de uma mulher que há tempos, ai por 1925, desfecho, em plena Baixa e pleno dia, uma pistola sobre o

## Recorda-se um drama esquecido? teve a sua origem em um baralho de cartas e o seu desfecho em uma rua de Lisboa

marido? Pois a Dama de Paus, a Ana de Oliveira, foi uma das personagens principais às oréllas. Aparece a primeira carta de namôto, com as menfiras do costume: «Desde a primeira vez que vi V. Ex... fiquei loucamente apaixonado. Alice, alvoroçada, acreditou naquele paixão. Ela mesma também sentia que era aquêle, o Joaquim Monteiro, funcionário público, o seu homem fatal. Namoraram-se à antiga, da janela para a rua. As famílias de ambos, modestas, embora ambicionando bons parados, para os seus filhos, resignaram-se, porque êles gostavam perdidamente um do outro—e deixaram-nos casar.

Terminado este prémbulo, que mais nos picava de curiosidade, Stuart queodou um longo momento silencioso, mexendo o seu chá, única bebida que toma há mais de um ano. Depois, decidido a contar-nos tudo, preferiu estas palavras enigmáticas:

—Vou apresentar-te as personagens do drama, isto é, vou dispôr o baralho. Já conheces a Dama de Paus; é a figura antipática, aquela que o público do antigo Príncipe Real patearia, com certeza. Temos agora mais personagens: *Dama de Copas*, que em cartomância significa *mulher loura e casada*. Comprehendes? Bem. Entra a seguir o *Rei de Paus*, que corresponde a um *homem moço e casado*. Ai tens tu as principais personagens do drama. Percebes? Não? Já vais compreender tudo, aliás bem fácil...

—D. Alice Monteiro e o sr. Joaquim Monteiro (estes nomes são supostos) formavam o par mais sossogado e honesto do Bairro da Estrela. O marido era funcionário público, um modestissimo funcionário. Havia perto de vinte annos que se casara e outros tantos que a sua vida decorria entre o trabalho fácil de uma

Reparação tranquila e a felicidade do seu lar. D. Alice, que contava à data do drama uns quarenta annos, apaixonara-se aos vinte pelo Joaquim, que apesar de pobre ostentava entre um luxo petante... e petilna, certos fatos nupcinaes, escovadinhos, cabos empastados de pomadas, luto rubra ao preto, e seu ar de



um Alice, rapariguinha muito fresca, loura e bonita, deu em gostar do marido. Êle passava, em todas as tardes, empastado de perfumes, sob a va-

## A PRIMEIRA NUVEM NO HORIZONTE

Alice era o ideal das donas de casa. Amovêl, gentil, sábedora nos arranjos do lar, paciente e capaz de aturar as pequenas impertinências do marido, económica a rogar pela avarizia, sob a sua direção inteligente o lar prosperou, e no decurso de vinte annos, movei a movei, objecto a objecto, transformou-o em um verdadeiro ninho, aprazível, onde dava gosto a uma pessoa conservadora.

Naquella convivência estreita, raras vezes perturbada por qualquer amovêl inoportuno, os dois conjuges compreendiam-se à mil maravilhas. Não se ouvia uma alteração nem um ralho naquella casa. Filhos nunca D. Alice os tivera, embora os desejasse. Não se tratava de uma infelicidade, mas de uma contrariedade, que ambos lamentavam, contribuía afinal para mais aproximar aquelles duas almas que, pela mutua compreensão, dir-se-iam uma só alma.

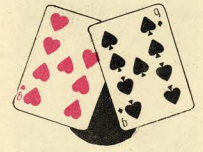
As revoluções, as agitações politicas, a tempestade de corrupção que a Vida, cá fora, ia desmoronando em filme contrariados e revoltados, não tinham êco naquelle lar pobre, mas venturosos. Entrada a porta, o mundo ficava muito longe, e apenas se respirava um ambiente de conforto e pureza.

Joaquim levava uma existência regular, metódica. Sala ás dez e meia para a República e ás cinco, seis horas da tarde já estava de volta ao pé dos estudos nas pantafas fofas, aconchegado à mesa ante o caldo fumegante e apetitoso. Depois de jantar quedavam ambos de conversa,

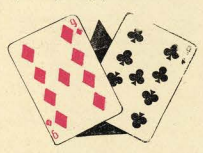
preguiçosamente, sem coragem de ir ao teatro que ambos adoravam, e só frequentavam em dias festivos—data de casamento ou dia de anos—nem de se metem no cinema, que aborreciam.

Um dia, porém, ao cabo de vinte annos de casados, Joaquim Monteiro fallou à hora do jantar, só aparecendo pelas nove da noite. Foi encontrar a Alice lavada em lagrimas, recosa de que tivesse succedido alguma desgraça ao seu esposo.

Este não fez grande caso das atlições d'ella, antes a censurou: «O' filha, não te fazes caso para te pôres assim numa Madalena arrependida. Todos os homens têm um dia em que não podem comparecer à hora do jantar... Que diabo! Encontrai o Antunes à saída da



Reparação... Regressou de Africa e há dez annos que não nos vimos. Por força que havia de ir jantar com êle... Desculpei-me comigo... Não que saber de razões. Arrastou-me ao Leão de Ouro. Não quero demorar-me... Pegamo-nos de conversa e quando já por mim eram oito e meia... Está tudo explicado. Vai tu jantar, que eu já jantei...



Alice, sempre chorosa, não quis comer. Não tinha appetite.

—Ah, estás com amôes?—disse-lhe o marido, franzindo o sobrolho... Pois então não jantes!

E enfonhou-se na leitura do jornal. Ela presentia que o marido lhe mentava. E a mentira offendi-a mais do que a

demora. Onde te está a irar? Não te dá aquela tempo?

Aquellas demoras, aquellas mentiras foram-se amoldando ao tempo. Alice sentia que o espírito do marido andava muito arreido. Aquella e do lar. Surprendia-o de olhos fitos no vácuo, e se lhe perguntava: «Em que pensas?—êlé, sobressaltado, como se se acordasse, não atinando com a resposta, dizia-lhe sêcamente: «Em nada».

—O que te suspeita da existência de outra mulher na vida do marido; remexia-lhe nos bolsos, o que nunca anteriormente se atrevera a fazer; de noite, quando êle dormia, cheirava-lhe o peito. Na esperança de surprender o perfume da outra. E como em casa não havia mais entes com quem pudesse desabatar, um dia bateu à porta da vizinha do lado, uma senhora idosa, de rosto sempre embaciado num lenço preto, calu-lhe os braços, chorando, e contou-lhe as suas misérias.

D. Miquelina escoutou-a, com ternura de avô. Fallava baixo, rodeando as frases de mistério e revolvendo os olhos como se um espectro medonho estivesse sempre na sua presença. Depois deu-lhe conselhos e aventou hipóteses:

—Ai deve haver saias de alguma desvergonha. Eia no seu caso, memna Alice, é, inculcar a mulher de virtude, que se deitasse as cartas. Olhe que as cartas revelam tudo. Comigo acertaram sempre. Se não quiser ir sossinha eu acompanho-a.

Alice, a principio, teve receio. Mas a D. Miquelina tanto lhe *hichou* aos ouvidos que acabou por vencer-la. E foram à mulher de virtude.

A cartomante era uma mulher sabida que lhe insinuou o passado, o presente e o futuro no rôsto das consulentes do que nas cartas que dispunha, com gestos de malabarista, sobre uma mesa redonda. D. Miquelina não pôde por Alice porque esta, na ante-visão de scenas fantasticas, optimida pela penumbra da saleta, quasi perdera o uso da fala.

—Está bem—disse a velha—necessitava de conhecer o que faz o marido, que há uns tempos parece andar mudado, não parecendo sequer o mesmo homem.

A cartomante mandou-as sentar e sentou-se por sua vez. De uma caixainha de madeira, que ao arbi-se deu um estalido que pôs D. Alice em sobressalto, saiu um baralho de cartas novo, encintizado e lúteo. Baralhou o devagar, espiciando o rôsto de cada pobre esposa maritima, e, como êle lhe dizia:

—Ora, faça-me o obsequio de, com a

(Conclui na pag. 14)

# Como se faz escravatura branca em Portugal

A porta do armazem da carne virgem — As primeiras relações com uma agente receptadora de provincianas — Uma cilada preparada a uma menor que será levada para Buenos Ayres

O nosso redactor estava na pista segura de uma das secções mais importantes dessa poderosa organização portuguesa de *mangeurs de blanc*. Não a podia abandonar. Na quinta-feira indicada, à tarde, encontrava-se com a sua informadora, cujo nome revelamos — Albertina — e uma companheira desta, que ignorando os motivos por que elle ali se encontrava não teve duvidas em agregar-se ao pequeno grupo.

— Onde é afinal essa casa? — inquiriu impaciente o jornalista.

Albertina sorriu daquela impaciência. Ageitando o chapelinho de feltro e deitando um olhar investigador para o espedro, disse em tom de quem se lembra de dar um bom passeio:

— Vamos até Bemfica?

Atravessaram o Bairro Alto; no Largo de Camões meteram-se em um *taxi*.

— Para a Estrada de Palhavã — ordenou Albertina.

O automovel partiu, veloz. Durante o caminho, poucas palavras trocaram. Não convinha que a outra companheira, uma infeliz, futil, que adorava o lódo onde se atolava, tivesse conhecimento dos intuitos jornalísticos daquele pequeno passeio.

Na Estrada de Palhavã, Albertina mandou parar o *taxi*. Apearam-se em frente de um patio, onde penetraram. Na porta n.º 3, Albertina bateu. Ninguém respondeu. Tornou a bater — e esperou. O jornalista esperava também ansiosamente. Assaltavam-no mil pensamentos. Iria, finalmente, conhecer algum dos grandes magnates do tráfico de mulheres? Iria vêr as escravas que no Norte eram remetidas como pacotes de mercadorias? Entretanto, uma cabeça de mulher, desgrenhada, tipo de desleixada a transparecer através de uma blusa garrida mal abotoada no peito, um mixto de provinciana e lisboeta, olhar lascivo, assomava à porta.

— Ah! E' a menina Albertina! — exclamou ella, sem abrir completamente a porta, como se receasse que nós irrompéssemos por ali dentro.

— A D. Margarida não está? — perguntou a Albertina.

— Não, — respondeu a outra, sempre espreitando pela porta entreaberta — foi há bocadinho para a «Baixa». Admira-me não a terem encontrado. Queria alguma coisa?

Albertina hesitou e disse depois:

— Era éste senhor que lhe queria falar... por causa de um negócio...

Calou-se, pensando. Por fim, tomou uma resolução e despedindo-se, informou:

— Voltaremos cá depois.

Retomaram o caminho da rua, enquanto a outra fechava a porta, dando a volta à chave.

DONA MARGARIDA,  
PERFUMADA LUXUOSA

Na estrada de Palhavã, o acaso favoreceu o nosso *reporter*. Na paragem do eléctrico, estacionava uma senhora bem vestida, alta, um pouco cheia.



Mixto de provinciana e lisboeta, olhar lascivo...

— E' a Dona Margarida! — exclamou a Albertina.

E chamou:

— Dona Margarida!... O' Dona Margarida!...

A outra voltou-se ao chamamento. Cumprimentaram-se. Albertina apresentou o nosso redactor. «E' um amigo meu que vinha procurá-la». E baixando a voz para a companheira não escutar, repetiu-lhe a historia do *cabaret* do Lobito, o bom isco que tão bom peixe tem mordido...

A Dona Margarida, porém, era esperta e desconfiada. Principiou por murmurar umas desculpas.

Estava com pressa. Tinha que ir à «Baixa», por força, por causa de uns negócios. Se tivesse mais tempo voltava atrás para mostrar «áquele cavalheiro» duas raparigas que lá tinha em casa, por esmola, coitadas, enquanto não se empregavam. Eram raparigas em bom estado. Ninguém tinha nada que lhes dizer. «Se o cavalheiro visse que lhes agradavam...».

Mas bem lhe parecia que não. Eram muito parvas, muito saioias. Enfim, podia ir lá vê-las. Dava ordem para isso, mesmo que ella lá não estivesse. Pena estar com tanta pressa... E aceitou a oferta do nosso redactor em deixar-se conduzir à «Baixa» de automovel.

A Dona Margarida é uma mulher nova ainda, bem tratada, bem alimentada. Durante o trajecto o nosso redactor examinou-a bem: joias de preço nos dedos, no peito e nos pulsos; meias caras, perfumes activos e suspeitos. Falava em tom de quem está bem instalado na vida.

As pupilas tinham-lhe sido enviadas por pessoas amigas, a quem não podia recusar o favor de as aceitar em sua casa. Uma massada... Enfim, felizmente, tinha posses para as manter. Mas era uma responsabilidade... Raparigas novas... Sem experiência de Lisboa...

## ANTEVÊ-SE A PERSPECTIVA DE BUENOS-AYRES

Dona Margarida era propensa a aceitar de bôamente tódas as ofertas que lhe faziam. Apesar de ter muita pressa ainda pôde desperdiçar uma larga boa hora em um café, bebendo refresco. Sobre o negocio do Lobito não se expandiu. Parecia que o negocio lhe interessava mas como não conhecia bem a pessoa que lho propunha, tratava-se, cercava-se de reserva e cautelas.

Por fim, lá partiu, deixando atrás de si um rasto de perfume embriagante. O jornalista e as duas companheiras quedaron uns momentos silênciosos, pensando todos três, cada um a seu modo, naquela Dona Margarida que tem enriquecido com a perdição das pobres provincianas que um agente do Porto, um caixeiro viajante da prostituição, lhe envia periódicamente para a sua casa de Palhavã, que é uma autêntica ante-câmara do alcouce.

— Esta mulher — segredou Albertina — está metida em um negocio com uma velha repelente que tem uma filha linda, ingénua, instintivamente honesta, que um agente da América quer fazer embarcar para Buenos-Ayres. Há um cavalheiro de meia idade, que finge de apaixonado, que anda a iludi-la pouco a pouco, para a atirar para a América. Fazem-lhe promessas. A mãe, a própria mãe! ajuda à conspiração porque lhe prometeram dinheiro. Mais dia menos dia a pequena cai!

REPORTER MARIO



# a fascinação do éter

**D**Ê-SE o leitor ao trabalho fácil de folhear as coleções de qualquer diário lisboeta do mês de Março de 1928 e em todas elas, com excepção de «A Voz», «Novidades» e outros dois, encontrará uma notícia, estreita e perdida na segunda ou terceira página, mas que devia então ter constado de pirotécnicas esperanças a alma de muito boa gente... E como essas notícias são sempre redigidas no papel químico do lugar comum — copio-a ao acaso de uma das gazetas, posto que com gêmea redacção deve ter saído em todas as outras:

## VISITANTE ILUSTRE

Procedente de Hamburgo chegou ontem a Lisboa no «Cap Polonio» o illustre realizador cinematográfico alemão, o sr. K... que se demorará entre nós algumas semanas, devendo regressar à actividade dos studios berlineses no próximo mês de Abril.

Dias depois da publicação desta local cruzimono no «hall» do Avenida Palace com um sujeito estrangeirado, ruivo, hercúleo de complexão, olhos de aço de tartaruga e melas altas azedrezadas, de jogador de golf. Apontaram-no... Era o sr. K... o famoso «metteur» alemão — famoso por ser alemão e por ser «metteur» visto que ninguém ouvira falar dele até à data... Já lá vão dois anos. O nome do sr. K... continua a ser inédito nos cartazes do cinema. Nunca mais tornaramos a vê-lo. Só ontem resurgiu no nosso espírito. Só ontem tivemos conhecimento do grande filme — mas filme real, filme mistério, cheio de emoção e de imprevisto — que ele realizara em Lisboa, com portugueses — e que foi talvez o único da sua vida de «metteur-en-scene» cinematográfico.

## OS CINEFILOS DE LISBOA

O cinema criou uma nova fauna de utopistas. A variedade de venturas e aventuras que os filmes emocionam acunaram os espíritos numa ambição obscurente. Essa psicose, que é universal, atingiu mórbidas proporções entre nós. Quantos bons operários, empregados de comércio ou modistas não naufragaram, desertando do ofício, picados pelo sonho de serem um dia grandes «stars» como Douglas, Rodolfo ou Mary Pickford? Quantos não continuam sonhando, para além da catástrofe, falando, invejando, falando, tornando a falar como se fossem, de facto, o que queriam ser — «vedettes» dum Hollywood fantástico e minia tural que cabe dentro duma mesa de café?!

Estes cinefilos sonhadores, que formam legiões, subdividem-se em grupos ou tertúlias, organizações tão a sério como se constituísse, cada grupo, o elenco completo de uma empresa produtora de filmes. Todos eles aguardam o milagre dum capitalista ou dum empresário estrangeiro que venha dum voo, da «Paramount» ou da «Ufa», arrebanhá-los e regalar-lhes a fortuna e a glória. Um desses elencos — talvez o mais característico de todos — campava num café de intensa vida nocturna, em plena Praça dos Restauradores e de quem se fossem, de facto, o que queriam ser — «vedettes» dum Hollywood fantástico e minia tural que cabe dentro duma mesa de café?!

Estes cinefilos sonhadores, que formam legiões, subdividem-se em grupos ou tertúlias, organizações tão a sério como se constituísse, cada grupo, o elenco completo de uma empresa produtora de filmes. Todos eles aguardam o milagre dum capitalista ou dum empresário estrangeiro que venha dum voo, da «Paramount» ou da «Ufa», arrebanhá-los e regalar-lhes a fortuna e a glória. Um desses elencos — talvez o mais característico de todos — campava num café de intensa vida nocturna, em plena Praça dos Restauradores e de quem se fossem, de facto, o que queriam ser — «vedettes» dum Hollywood fantástico e minia tural que cabe dentro duma mesa de café?!

mocinhas, orfãs, «modistas em casa», absolutamente «Alto do Pina ou Campolide», airozas e gentis, antigas amadoras nas sociedades operárias, macaqueando, uma a Voz, Garbo e a outra a Lya de Putti. Mas macaqueavam-nas, às vezes, com tal felicidade, aproveitando umas vagaz semelhanças físicas que possuíam com aquelas «stars», que desde o penteado à expressão fisionómica, gestos e atitudes nos olhos, conseguiram impressionar e confundir um observador menos atento.

Uma noite a tertúlia alvorçou-se. Lêra a notícia da chegada do sr. K... O ex-estudante e futuro Conrad Veidt afirmou que o sr. K. vinha na disposição de contratar em Portugal, em Espanha, na Itália, artistas novos para um elenco internacional. O ex-caixeiro de praça e futuro Jean Angelo, mais ousado, escreveu uma carta em nome de todos, pedindo uma entrevista. E como não viera resposta, e como nenhum deles estava disposto a quebrar a nova ilusão que aquela esperança lhes trouxera, todos viram nesse silêncio um convite do sr. K. para que o visitassem... Seria ridículo se não fosse comovedor o espectáculo que a tertúlia oferecia nessa noite, enroupaçados, acatitados, endomingados, procurando cada um deles, num detalhe peilntra da toilette... — na gra-



vata, no chapéu, no colarinho — carregar berrantemente a semelhança com o tipo real que lhe servia de modelo... Estávamos presente... Assistimos à impaciência com que eles vigiavam o relógio. Vimo-los partir — mal deram sete horas... O que se passou depois...

O que se passou depois — só agora mo conto



o jornalista cinematográfico sr. Alberto Sequeira. O sr. K. estava no salão do «Palace» quando o grupo dos cinefilos o assaltou. No primeiro contacto foi por tal forma agreste, seco e hostil, que os infelizes sonhadores se julgaram chiboteados. Mas, de subito, quando os mais tímidos procuravam, atontados e cabibaxibos, uma saída, Mr. K. mudou de expressão e de tom, tornando mais lento e desbobinar da sua negativa brevel, acurando a voz, entreabrindo os lábios num vago sorriso que acabou por ser sorriso íntimo, convidando-os, por fim, a sentarem-se e a tomarem um *vermouth*.

O mais vivo de todos e o melhor observador era, indiscutivelmente, o ex-caixeiro de praça e futuro Jean Angelo. Graças a êsses dons foi o primeiro a compreender que a metamorfose do sr. K. evoluiu à medida que o seu olhar silhuetava uma das modistas — a pseudo-Lya de Putti... Falando sempre — «que sim»; que era sua tenção contratar artistas novos dos países que visitasse; que embora não pudesse arrebanhar a todos logo de começo, os outros iriam depois... — êle fora aproximando-se da pseudo-Lya de Putti até que, após um brusco silêncio, pediu para que se desculpasse. A pseudo-Lya, acariolando as faces, dilatando o peito no esforço duma respiração violenta, obedeceu; e logo, por instinto, com a ajuda do espelhinho, procurou à pressa pôr em prática a sua habilidade — a habilidade de se «assemelhar» com aquela famosa «star»; e a outra, a pseudo-Greta Garbo, já adita, temendo vêr-se desprezada, imitou a companheira, fazendo o que êle fazia, imitando o melhor possível a sua «sossie» scandinava e oferecendo-se, a tirando-se aos olhos do sr. K. Mas o sr. K. só tinha olhos e adjectivos para a primeira — para a pseudo-Lya de Putti...

Praticamente o sr. K. estava apenas pondo em prática um plano maquiavélico que urdira à *la minute*. E assim, deduzindo, adivinhando, escutando, observando — concluiu que entre a pseudo-Lya de Putti e o ex-caixeiro de praça existia um segredo de amor, gêmeo ao que o futuro Conrad Veidt e a futura Greta Garbo ocultavam... E concluiu mais que o hercúleo ex-caixeiro de praça e futuro Jean Angelo odiava o pseudo-Jean Angelo precisamente porque o futuro galá dispunha de mais atractivos para a futura Lya de Putti. Os outros cinefilos, empastelados atrás desses cinco, só o interessavam para estabelecer a confusão, irmandando-o a todos nas mesmas ilusões... E quando se despediu dos pretendentes — cochichou um segredo ao ouvido do ex-caixeiro de praça. Foi hábil — mas não tão hábil que o ex-«chasseur», duplamente enciumado, — como amoroso e como cinefilo — não o tivesse surpreendido.

Da desconfinça à desharmonia é um passo. O grupo estava dividido. Dum lado o Jean Angelo e Lya de Putti com os que, certos da sorte êstes, os aduavam na esperança do futuro; do outro Greta Garbo, Conrad Veidt e o ex-«chasseur» e os

(Conclui na pag. 15)



# Em torno das memórias de João Chagas

SALU o terceiro volume do «Diário de João Chagas». Se os anteriores alcançaram um êxito pasmoso — sobretudo se tivermos em conta a percentagem de analfabetos do nosso país e até de analfabetos que sabem ler e que por animalidade não têm; se o pím-pam-pum pôstumo com que João Chagas derrubou ideólo, charlatães e... adversários que não mereciam tal tratamento rebombou dinamicamente, numa explosão de escandalosa máxima — este, o terceiro, sendo o mais grave, o mais impiedoso, o mais internacional de todos, deve transbordar para além das fronteiras... «Deve»? O termo é mole para corresponder à realidade; porque a realidade é que o terceiro volume das memórias do nosso antigo ministro em Paris, recém-saído, tornou-se já um acontecimento mundial — e já vão saber, através de revelações inéditas, porque é como...

Não critica esta prosa que lhe dedicamos. Se o fosse não discutiríamos se era nociva ou não a sua obra — mas sim se era verdadeira ou não,



João Chagas

exagerada ou exacta. Ao que não podemos esquecer — é a admiração do talento de João Chagas. João Chagas nasceu jornalista e sonhador ambicioso — que é uma tara infalível dos artistas de talento. Conseguiu guindar-se a Paris — ao Paris que éle sonhava viver, o Paris dos escritores, dos Salões, de S. Germain e de «Etoile». E para cúmulo sentiu-se «peça importante dessa maquinaria parisiense-mundial» como diplomata na «avant-scène» da Europa na época mais novelesca e trágica do século XX — que foi a época da guerra. É ao mesmo tempo que compartilhava, vivendo nessa «avant-scène» e nessa hora suprema — o jornalista de talento que havia nêlê fechava-se por dentro e escrevia para a Eternidade a máxima reportagem da sua carreira. E se os críticos fossem imparciais, se pusessem de parte as suas paixões — não negariam que essa reportagem era admiravelmente bem feita...

Dissemos que desde a primeira hora este terceiro volume se tornou em acontecimento mundial. Já provamos que o foi muito antes de ser publicado; que agitou ventanias subterrâneas na

política europeia quando João Chagas cometeu a imprudência de fechar mal a porta do seu gabinete... Antes, porém, de transparentar esse episódio longínquo — data de 1919 — focaremos os imediatos ao seu recente lançamento.

O sr. Gerard Delacroix, cuja passagem por Lisboa poucos vestígios deixou, mas que esteve hospedado no «Metropole» do Rossio, comprou, no próprio dia da sua aparição nas vitrines, vinte exemplares, quinze dos quais expediu, registados, a outras tantas individualidades de destaque da França — partindo no «sud» três dias depois. Os caixeiros das livrarias onde o livro apareceu à venda notaram que nos primeiros dias os compradores estrangeiros se nivelaram numericamente aos nacionais — sobretudo alemães. Foi um grande amigo nosso, alemão, comerciante, há muitos anos residente em Portugal, quem nos chamou a atenção para este terceiro volume. O sr. Eduardo Silva, professor de alemão nos liceus, recebeu, no mesmo dia, o encargo de dois correspondentes de jornais alemães, para traduzir, rapidamente e sob o engódo dum paga principesca, os *nosmos capitulos* da obra. No dia 8 dêste mês os nossos telegrafos receberam um telegrama dirigido a um livreiro desta cidade para enviar com toda a urgência um exemplar da obra para o cap. Alan Westbury — Downing Street, 10, Londres. Não conhecemos, nem de nome, o cap. Alan Westbury — mas sabemos que no n.º 10 de Downing Street está instalado o «I. S.»... Último: «Tempo», o mais moderno diário de Berlim, na secção de boatos políticos publica, no dia 17, o seguinte eco: «João Chagas, antigo ministro de Portugal em Paris, já falecido, escreveu as suas memórias, que foram editadas agora. Aconselhamos o dr. Halbert Kellen a adquiri-las, mandá-las traduzir e a lê-las. Talvez mude então de atitude política». Esclarecimento nosso: o dr. Halbert Kellen é um deputado pacifista muito popular que os adversários acusam de manter entendimentos pessoais com Poincaré.

Em 1919, um jornalista argentino, Eugenio Sux, antigo companheiro da boémia romântico-trágica de Ruben Dario em Paris, quando o sublime poeta de «La Princesa esta triste» possuía uma *fumerie de opio* na Rue Druot, entrando para a sucursal de «La Prensa» de Buenos Ayres, iniciou a sua colaboração publicando um artigo naquêlê diário sobre os «bas-fonds» da guerra. Esse artigo ecoou em França, tendo alguns jornais insinuado que um «diplomata estrangeiro» o inspirára. Simultaneamente a essa insinuação, o já citado Gerard Delacroix publicou na «Comedie» — 28 de Novembro de 1919 (?) — uma notícia assinada na qual dizia que Mr. de Chagas, Ministro de Portugal, preparava um livro de memórias no qual havia revelações sobre as figuras máximas da República francesa, que haviam de causar rudesto escândalo. João Chagas, que, ao que nos parece, estava então em Lisboa, dirigiu, semanas depois, uma carta a Delacroix desmentindo o boato.

Como e porque chegara aos ouvidos de Eugenio Sux e de Delacroix o que, só onze anos depois, veio à tona da imprensa? *Cherchez la femme!* E' o catalão Fernando Berardo, de *La Publicidad* de Barcelona, quem o revela, ao terceiro cálice do Porto, um ano depois, no «Cintra» de Squar Edouard VII. Quási em frente à legação portuguesa, na Avenue Kieber, estava a de Guatemalê. Era então ministro de Guatemalê Enrique Garcia Nunez, homem de confiança do tirano Cabrera — que saiu da França precipitadamente por conselho do Qual d'Orsay, por êste ter sérias provas dos serviços que aquêlê diplomata prestára à Alemanha durante a guerra. Garcia Nunez tinha uma creada espanhola. Foi ela quem escutou essas revelações ao seu diplomatico amo, que por sua vez as obteve quando João Chagas lêra algumas páginas a

algum muito íntimo — ignorando que ouvidos subornados o escutavam... Fernando Berardo, que ainda êste verão esteve em Portugal com Júlio Camba, numa praia do norte, era amigo íntimo de Eugenio Sux — hoje director da «Agencia Ibero-Americana» (Avenue de l'Opera 31 — Paris) — e sabe as influências estrangeiras que se moveram para que João Chagas não «publicasse nunca» as suas memórias e ao que êle disse, João Chagas prometera destruí-las...

Vamos reproduzir alguns trechos do terceiro volume... Pag. 11 — 14 de Fevereiro de 1918: «Bolo Pachá condenado à morte Este facto é tanto mais desagradado para nós quanto Bolo Pachá, recordando-se das fugazes relações que contrainos em casa do Finot, se lembrou de me con-

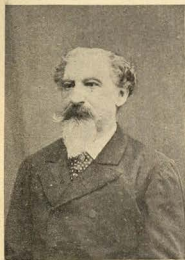


Poincaré

vocar para testemunha... Tomei o conselho de Cluinet e abstive-me de comparecer no tribunal... Este caso trouxe-me grandes aborrecimentos... Não posso resistir a tornar Finot desprezavel pelo que acaba de escrever, pois foi em casa de Finot que o conheci... Mas nas paginas 40 e 41, com data de 8 de Abril, torna-se mais claro: «O presidente Poincaré negou o indulto a Bolo Pachá: Pergunto a mim mesmo se este homem estará verdadeiramente culpado e a ideia de que não o está talvez traz-me um momento de angustia. Não será êste desventurado vítima de circunstâncias terribes, das terribes imprudências que o levaram a misturar-se com individualidades superiores, que comprometeram com o seu contacto e que o ficaram, por êsse motivo, detestando?» «Vous avez des ennemis puissants!» — disse-lhe o juiz. Quis? Eu supus reconhecer um dêles uma noite, durante o jantar, no comboio de luxo que nos conduzia, ao Presidente da Republica Portuguesa, ao da Repu-

(\*) Estava o autor dêste artigo com Almada Negreiros filho, Anahory consui, Vitor Paisão e outros no Café Napoleão do Boulevard dos Italianos quando foi lida a notícia. Recordamos-nos da data porque nesse dia nos nasceu em Paris uma filha.

D. Henrique José Reed da Silva, Bispo resignatário de S. Tomé e designatário de Trajanópolis, que faleceu há dias, não era apenas uma figura solene, imponente e respeitável, da Igreja Católica, era também uma comovedora personagem de romance, romance vivo, doloroso, dramático, real.



D. Fernando

Com a sua silhueta de missionário antigo, daqueles que à maneira de S. Francisco Xavier se embrenhavam no Oriente e, sem outra salvaguarda que não fosse a sua fé inabalável e o exemplo avassalador da sua bondade, davam combate a ou-

# ROMANCE IGNORADO E DO TRISTE do Bispo de Trajanópolis

tras religiões mais antigas e arreigadas, convertendo ao cristianismo os infieis, D. Henrique José Reed da Silva, pela sua humildade sincera e pela desgraça que pairou sobre a sua vida modelar, bem merecia as atenções de Roma e um cantinho em um altar modesto, como modesta foi a sua existência.

E mais realça a sua moral admirável esta nosa época de corrupção penetrante e devastadora à qual nem os próprios ministros de Deus — salvo raras e honrosas excepções — têm sabido resistir.

Este Príncipe da Igreja e da humildade, que sofreu sobretudo na derradeira fase da sua vida os horrores da miséria e o esquecimento dos católicos, era também Príncipe pelo sangue. Quem o sabia? Pouca gente. Ele próprio tinha o cuidado de não falar da sua origem real, receoso de amesquinhar os outros com a nobreza da sua proveniência. D. Henrique José Reed da Silva era filho do rei D. Fernando. E sua mãe? Ignorava-se quem fosse. Alguma dama do Paço que amores românticos atrairam para os braços do rei artista e que, por preconceito, sempre se ocultou na sombra. Se essa senhora soubesse que o filho de quem se quis ocultar, viria a ascender a uma tão grande superioridade moral

que roça pela santidade, talvez tivesse orgulho em proclamar-se mãe à nascença dessa criança fadada para tão altos destinos.

Filho de rei, irmão, sobrinho e tio de reis, nunca o Bispo de Trajanópolis conheceu durante a sua vida humilde o que fossem confortos reais. Morreu quasi abandonado em um quarto de hospital. E momentos depois da morte, alguém já muito idoso, um esquecido também, que lhe foi perto de cinquenta anos intimo do Paço, fitando o rosto vivo



D. Henrique José Reed da Silva, Bispo de Trajanópolis

não deve aceitar uma execução injusta? Diz-se-lhe que empregou a palavra *acessar* no sentido de *lhe* ser imposta. E que *acessar* a expressão... «omitindo um meio qualquer de evitar que ela consuma» Bolo dá evidentemente a entender que omitiu até aqui esse meio mas que não quer persistir nessa omissão. Finalmente em virtude de que razões se dirige ele ao Presidente Poincaré neste tom: «Eis porque apelo para o seu poder soberano para que essa injustiça não seja cometida? ... Porque é mesmo que lhe dirige esta carta enigmática para toda a gente e que parece ter sido escrita para ser compreendida unicamente pela pessoa a quem é endereçada? Bolo não apela para a benevolência, a clemência, a piedade do Presidente. Não pede sequer justiça e parece ameaçar de a fazer ele próprio com as suas próprias mãos. A sua invocação ao poder soberano parece traduzir-se assim: «O senhor que tudo pode, faça o que deve! «Que mistério se contém nesse novo facto e o que vai sair daqui? Recordo mais uma vez a conversação na sala de jantar do comboio e a impressão que me deixou... Os magistrados conferenciam novamente...»

Na página 54 diz apenas: «Bolo continúa a fazer revelações que ninguém conhece». Na pag. 70 (data de 18 de Abril): «Bolo foi fustigado. As suas revelações, *in extremis*, ainda ignoradas, não o impediram de ser levado ao «poteau». O traidor expulso! — dizem os jornais. Foi ele realmente um traidor? Uma grande dívida a este respeito subsiste no meu espírito...»

Foram estas as páginas do «Diário» que desde 1919 moveram tempestades nos bastidores da política mundial? Foram estas páginas a que Eugénio Sax se referiu em «La Prensa» e «Delacroix na «Comedie»? São estas páginas que fizeram com que tantos estrangeiros comprassem o terceiro volume?

R. X.

do Bispo, que contrastava com o negro espesso e imponente das suas barbas, murmurou comovido: — E' a cara da mãe...

Não teve à hora suprema da morte, que ele devia ter enfrentado com resignação, a mão piedosa de um parente que lhe fechasse os olhos.

Enquanto se podia mover e tinha saúde, a alta burguesia snob, desejava de aparentar grandeza e requinte aristocráticos, queria-o sempre nas suas festas, nos salisfres de pseudo-caridade, para que a sua figura veneranda lhes desse luzimento. A presença do bom bispo tornava *smarits* os baptizados e casamentos. Para as merinas futeis que se desnudam no Estoril e cultivam escandalosos *firts*, o santo homem, resignado e humilde, cuja beleza espiritual elas não atingiam nem compreendiam, era uma *mascotte*.

Velo a época mais atroz das dificuldades, da



# A PÉRFIDA DAMA DE PAUS

(Continuação da pag. 9)

sua mão esquerda, tirar ao acaso uma carta.

E estendeu-lhe o baralho. A mão trémula, o coração palpitante. D. Alice tirou uma carta. A cartomante colocou-a de face para cima sobre a banca. Era o Rei de Paus.

— O homem moreno e casado... — disse a sibila.

— Meu marido... — murmurou Alice.

— O seu marido é moreno? — inquiriu a cartomante.

— Sim, minha senhora.

— Bem, — prosseguiu a bruxa — queira tirar outra carta.

Saiu a Dama de Copas.

Mulher louca e casada — esclareceu. E acrescentou: — E' a senhora.

Tornou a baralhar. Alice voltou a tirar. Aparece desta vez um az. Era o Az de Espadas.

— A espadilha afirma... — murmurou a cartomante. E outra carta surgiu: o Az de Copas.

— Ah! — exclamou a sibila colocando o Az de Copas a morder o de espadas. — Estes dois azes juntos afirmam mudança.

Queira tirar outra carta. Era a Dama de Paus.

— Cá está ela! Vê? — disse a bruxa apontando as cartas. — Existe um homem moreno e casado com uma mulher loura e casada. São a senhora e o seu marido. A espadilha afirma. O Az de Espadas junto com o de copas indicam mudança. A Dama de Paus é a origem dessa mudança. Está claro como água. O cora-



ção de seu marido voltou-se para outra mulher, que é viúva ou solteirona. Sim, Dama de Paus é viúva ou solteirona. O seu marido tem uma amante.

Alice mal compreendia o que escutava. O seu marido tinha uma amante... Bem o pressentira. E fóra naquela noite em que viera tarde, desculpendo-se com um amigo africanista que ele encontrára. Não podia duvidar.

— Queira tirar mais uma carta — disse a adivinha, chegando-lhe o baralho.

Alice tirou sem perceber bem o que fazia. Era o Nove de Paus; depois outra: o Nove de Ouros, que a adivinha entrelaçou dizendo, em tom triunfante:

— Vê? Vê, minha senhora? Estas duas cartas juntas afirmam novas relações; sim, o seu marido mantém relações com outra mulher.

Alice sentia-se tonta. Depois ainda surgiram, numa vertigem, mais duas cartas. Eram o Nove de Copas e o Nove de Espadas. A mulher traduziu-as:

«— Dificuldades, transtornos, desgraças...

— E afinal, — preguntámos — o Joaquim Monteiro tinha realmente uma amante?

— Tinha — respondeu-nos Stuart. — Era aquela mulher que nós vimos há pouco. Era a Dama de Paus, a Ana de Oliveira. Aquela mulher vulgar, sem o me-

nor atractivo aparente, é perigosíssima. E' solteira, a solteirona que a cartomante descobriu entre cinquenta e duas cartas-mas de uma lascívia e de uma sedução irresistíveis. Joaquim Monteiro conheceu-a em um casual encontro de rua. Dois olhares, um sorriso, e logo se esqueceu da pobre Alice. Seguiu-a, na intenção de fazer uma conquista momentânea, fugaz. Mas foi apanhado na rede. Quando quis libertar-se era tarde.

«Alarmada pelas revelações da cartomante, D. Alice pôs-se em campo. Depressa os descobriu juntos. Sofreu todas as torturas do ciúme. Rastejou, de joelhos, aos pés do marido, pedindo-lhe, suplicando-lhe que não tornasse a encontrar-se com essa mulher. E Monteiro, um dia, entre lágrimas, no auge do desespero, como o naufrago que sente as forças faltarem-lhe à vista de porto de salvação, teve apenas como resposta a essas suplicas uma frase de desalento:

— Não posso!... Não posso deixar essa mulher que odeio.

D. Alice transfigurou-se, modificou-se totalmente ao impulso do ciúme atroz.

E nessa tarde, quando Joaquim Monteiro saiu de casa da amante, em plena rua do Ouro, Alice, desgrenhada, louca, desfechou-lhe no peito dois tiros fatais.

Stuart bebeu mais um gole e rematou:

— As cartomantes têm sido a desgraça de muitos lares.

MARIO DOMINGUES



## A cura do incurável

(Continuação da pag. 5)

milha faziam parte crianças inocentes. Contra elle ergue-se uma campanha de ódio cego, temível.

Quem faz essa campanha? Quem se distingue mais no ataque? Os médicos.

Urbino de Freitas, protestando sempre a sua inocência, é condenado. Sofre o degrêdo. Expiada a pena, coberto de vergonha, emigra para o Brasil.

Mas Urbino de Freitas tinha um filho. Esse filho pretende lavar a mancha que enodôa a honra do pai e requiere uma revisão do processo. E, de repente, suicida-se. A nova suicida-se tambem, misteriosamente. Urbino de Freitas, velho, carregado com o peso dos anos e dos desgostos, regressa a Lisboa. Não quer morrer sem provar a sua inocência e requiere, por sua vez, a revisão do processo — e morre de doença súbita.

Um pormenor: Urbino de Freitas tinha feito no Brasil estudos importantíssimos sobre a cura da lepra, cujo segredo levou para o túmulo.

TOMÁS DE ALMEIDA

doença... e o bispo já não era chic, já não servia para dar lustre aos baptizados dos meninos nem sempre legítimos e ao casamento das filhas nem sempre em primeira mão.

Abandonaram-no à sua desgraça. Teve que deixar, por falta de meios, o Hotel Borges, no Chiado, onde se hospedou durante algum tempo. Andava a pé a despeito do cansaço da velhice, enquanto os bons burguezes passavam por elle triunfantes nas suas limousines de luxo; não podia fumar charuto, que adorava, e resignava-se à popular onça de «Francês», como qualquer de nós.

A primeira fase da vida de D. Henrique José Reed da Silva... um pouco boémia. Mas não é preciso ter-se casto para se ser santo. Antes da proclamação da Republica era um frequentador assíduo das calças dos teatros e fumava charuto impertinente. Tinha por algumas coristas uma pronunciada predilecção. Fazia um pouco vida de rapaz estouvado. A mudança de regime, porém, colocando-o face a face à vida, com os seus horrores e dificuldades, ensinou-lhe o caminho da virtude. E soube resistir depois as faltas que o impeto da mocidade arrasta os homens a cometer por mais santos que elles sejam.

Emigrou para a America, onde pastoreou a igreja portugueza em Lowen — a cidade onde Pita Soares, por loucura de amor, encontrou a desventura — e all se houve por forma tão digna, que ao ausentar-se deixou saudades em todos os corações.

Em S. Tomé de Melipour, na India, ergueu uma obra memoravel. Fundou uma catedral que ainda presta o nome portuguez no Oriente; sustentou do seu bolso em Calcutta um liceu para meninas pobres, fundou jornais, abriu escolas, contribuindo assim para que ainda hoje se fale o portuguez naquellas paragens.

Regressou a Europa para morrer. Na casa mortuária do Hospital da Ordem Terceira, o seu cadaver esteve quasi abandonado. Assim, frio e inerte, já não servia para o *carpet mondain*. Apenas um padre velhinho, que nunca o abandonara em vida, o velou depois de morto, chorando em silencio — pondo no ambiente frigidissimo daquella casa uma nota quente de ternura.

E a alta burguezia — veraneava.

C. J.

## A FASCINAÇÃO DO ECRAN

(Continuação da pag. 11)

restantes. Lya de Putti e Greta Garbo, que o destino havia aproximado desde a infância e que eram vizinhas do mesmo prédio — «firramos relacionos». Dois dias depois, à hora da reunião da tarde faltou Lya de Putti. O ex-«chauffeur» insinuou, em voz alta, a sua estranheza: «Faltar hoje, em vez de voltar, não pressupõe resoluções em comum por causa do sr. K. — não me parece sério». Jean Angelo defendeu Lya. Mas defendeu mal. Ele próprio parecia inquieto, nervoso, olhava constantemente para o relógio. Por fim, numa súbita resolução, ergueu-se e titubeando umas palavras que ninguém percebeu, tentou abalar. Desta vez foi o ex-estudante quem interveio: «Também tu partes? Tem graça... Logo vocês os dois...». — «Que queres!» — desculpou-se o outro. — «Eu não vivo do ar. Tenho que friccionar um negócio em entalados. Demora-se um pouco. São uns minutos». E Jean Angelo, com as faces a escaldarem, debandou, a passo largo. Mal saiu do café — o ex-«chauffeur» trocou um olhar intencional com o futuro Cronak. «Aqui anda coisa!» — E logo os outros, em coro, concordaram: «Eles vão pregar-nos partida. Olé se vão!» — «Mas não se vão pregar-nos coisa», disse Jean Angelo. Ofereceu-se Greta Garbo. Pouco se demorou. Uns minutos apenas. Vinha assfildada: «Já lá estão! Já lá estão!» que se sentasse e que explicasse melhor o que vira. E Greta explicou: «Lya estava no portal do 13, amichada, espreitando a rua. Logo que o amante passou, ela juntou-se-lhe e os dois tinham entrado no Avenida Palace». A traição estava verificada.

A espionagem dos traídos não se satisfiz com esta descoberta. Uns vieram-nos sair de Automovel do hotel, em grande intimidade com o sr. K.; outros juraram que Lya entrara com o realizador e Jean Angelo numa modista da Avenida; outros ainda que eles tinham visitado com demora a Fotografia de um certo brasileiro. Jean Angelo, o futuro utopista era o interesse com que o sr. K. protegia o casal felizardo — interesse tanto mais inexplicável que todos os outros, vindo-os através da própria sugestão da vaidade, os categorizavam como pretendentes sem nenhuma qualidade especial para serem contratados e muito menos para serem contratados. Mas não se satisfiz com esta descoberta. Todo o mistério girava em redor de um embrião que o ex-caixeiro confiava à amante e que esta guardara a sete chaves.

A conjura nasceu, espontaneamente, em cada alma pela esperança de conquistarem para si só o talisman da vitória; e em todas as almas pela necessidade de dividirem por muitos a responsabilidade crime que iam cometer. O ex-«chauffeur» era quem os chefiava; e os outros, seus cúmplices emocionados, executavam as suas ordens com se desempenhassem já papéis cinematográficos naínum «studio» de Berlim. Uma carta anónima a Lya dizendo que Jean Angelo tinha uma amante e que se ela quisesse certificar-se que fosse verdadeira, chegou a Lya. Ela preferiu não ir; encontrou a Jean Angelo, em termos semelhantes: se ele quisesse ter a certeza da traição de Lya que fosse à Calçada da Estrela n.º..., às 11 em ponto. Organizaram serviço de vigilância; viram-nos partir a ambos, à hora indicada — cada um da sua respectiva casa; juntaram-se os conjurados em casa de Greta. Juntaram-se, portanto, estibaram-se no vidro da cozinha — invadiram a casa de Lya...

Por muito inverosímil que a aventura se nos apresentasse, sobretudo por ser heróica por gente pacífica e honesta — é preciso não esquecer que se trata de alucinados, de sonhadores em plena intociação por uma utopia que os obscura e ainda por isso, a sua própria natureza, desprovidos de qualquer firmeza, sendo os filmes, e portanto um inverosímil, o germe da sua alucinação.

«Mas se este raciocínio não bastar para o convencer — fale o nosso informador — tenho, desde então, um recorte de jornal, que lhe apagará todas as dividas. A razão porque o guardo ainda na minha carteira explica-se depois de explicada a seguinte:

Era um recorte de *O Seculo* e dizia assim: «...Queixou-se ontem à polícia Fulana de Tal,

moradora na Rua Moraes Soares n.º X, cave, de que os larápios invadiram a sua casa, entrando pelos quintais e quebrando os vidros da janela. Naturalmente por suporem ter sido surpreendidos, fugiram antes que tivessem tempo de pôr em pratica os seus planos». Marcados a lapiz azul o nome do jornal e a data: 17 de Março de 1928. E restituído o recorte o nosso informador prosseguiu: «Quando pelos que Greta lhes dissera, bem depressa encontramos o embrião; e tremulos pela própria ousadia, foram refugiar-se em casa de um déles e com ansiosa curiosidade o desempacotaram. Aguardavam eles uma surpresa, um documento misterioso, um cofre, um punhal — que se eu...». E sabe o que encontraram? Uma «foto», uma simples «foto» em que Lya de Putti, tendo à direita o sr. K., em camisa de *aportan*, botas altas e uma pala de celuloide sobre os olhos, e à esquerda o pseudo-Jean Angelo.

O sr. K. não passava dum aventureiro. Se o cinema criou utopistas, também fabricou uma fauna de aventureiros. Subalterno dos *studios* de Berlim — *regisseur* ou menos ainda — há muito que ele acalentava a esperança de salta de categoria, de ser «metteur-en-scene». Falta-lhe o capital. Conheceu, em Berlim, um brasileiro rico, cujo nome não oculto — o sr. Horacio Boavida, pai dum estudante em Leipzig... O sr. K. aproximou-se do estrangeiro e começou a seduzi-lo. Havia probabilidades de lhe arrancar o capital necessário mas era preciso encontrar um ponto fraco. Esse ponto fraco descobriu-o ele. O Horacio Boavida, apesar dos seus 45 anos, estava louco e platonicamente apaixonado por Lya de Putti, que conhece apenas do *ecran*. Partira para Lisboa, e o sr. K., empunhando joias e pedindo dinheiro emprestado, veio-lhe na peugada, alardeando grande vida de realizador endinheirado, em férias, hospedando-se no hotel onde o brasileiro se encontrava e dizendo-lhes repetidas vezes que ele e Lya eram amigos íntimos e que, se o sr. Boavida entrasse com o capital, o filme seria interpretado por ela — bela ocasião de fazerem conhecimento. Mas apesar da insistência do sr. K., o outro demorava-se a abrir a bolsa... Uma tarde o sr. K., aborrecido pelo hotel onde o brasileiro, que passara para a provincia, é assediado pelos ingénios cinefiliz lisboetas. Entre estes encontra a modesta costureira



cujas pareçença com Lya era verdadeiramente estranha. Percebeu que o ex-caixeiro é a amante da pseudo-Lya e que para manobrá-la a ela devia dominá-lo primeiro a ele. Assim fez. Promessas e mais promessas. Enroutou-a; amimou-os até chegar à fotografia. O que ele ambicionava era isso: um grupo fotográfico com a falsa Lya ao seu lado e feito em Lisboa, podendo provar que o encontro fora recente... E realizada a «foto» expediu-a ao brasileiro. Este regressa a Lisboa... Que pena! Lya tinha partido para Berlim — mas fechara contrato com ele. O capital foi desembolsado; e uma vez senhor do capital, o sr. K. partiu para Berlim — sem se despedir daquele casal que ele atirara do mundo há muito tempo para a mais baixa deslealdade, fendo-lhe-lhes para sempre os Ingénios corações.

REPORTER X

## Uma reportagem ás avenidas

(Continuação da pag. 4)

que o brasileiro partira para o Rio... Zizinha chorou, choraram os papás, chorou a pobre Dádlina. Mas não era só o «partido» que deserta que elas choravam... A perda era muito mais grave. Zizinha, na loucura de prender o noivo, fôra imprudente e confiara-lhe o único documento que possuía... E ele fugira sem casar. E ela não fizera ainda dezessete anos...

## O SACRIFICIO

«Até aos 22 — e ela fez 22 anos em 4 de Julho último — a idade de Zizinha oferecia matéria prima para um folhetim... galante. Namóros e mais namóros... A consciência da falta tornára-a egoísta, cautelosa, velhaca. Exagerara a sua *coquetterie* até à fronteira da honestidade. Tinha muito pressa de encontrar marido — e nenhuma em acreditar nos juramentos de amor que lhe faziam. Em compensação Dádlina não namorava... Acantovava-se nos camarotes e nas salas e, ou por timidez ou por feitiço, esquivava-se aos *firts* e aos bailes.

«No Carnaval de 1929 — do ano passado — no Club Brasileiro surgiu o segundo galã desta comédia. Ah! Mas não se assustava, nem ao de leve, ao primeiro. Era um português que você conhece, de nome pelo menos, embora eu cumpra o dever de o ocultar, que viveu muitos anos lá fóra e que vinha, por motivo de negócios, passar uma temporada em Lisboa. Rico de fama e de proveito, dum riqueza que ele próprio conquistara e da qual nunca adivinhou. Pela primeira vez Dádlina se mostrou comunicativa, consentindo-o ao seu lado, consentindo até, com passo de tódos, bailar com ele um *fox* — muito mal bailado, por sinal. Mas Dádlina cometeu a imprudência de o apresentar a mana Zizinha — imprudência que a desviou da linha da sua sorte, da sua ventura... Zizinha era ataca, ruidosa, sedutora... O jovem de pressa preferiu ao perfume sóbrio e suave de Dádlina. Mas desta vez foi um namóro a sério, bem intencionado — e tanto Zizinha como os papás depressa o compreenderam... A medida que a data do casamento se aproximava — maior era a angústia de toda a família... Falta-lhes a coragem de confessar a verdade, e temiam as consequências da surpresa.

«Zizinha, moderna, histórica, extravagante, tinha direito, pelo menos enquanto o marido vivesse na gula do desejo que ela lhe despertara, a que, na noite de núcias pelo menos, lhe tolerasse uma excentricidade. Por isso lhe exigiu um ritual de sombras e de silêncio na alcova nupcial — pretexto — em segredo confidencial, timidez e temor nervoso pelo momento solene da metamorfose de virgem para esposa. Os pais não dormiram, ninguém dormiu essa noite no 1.º andar esquerdo do n.º 32... Mas logo de manhã, quando o sógro se encontrou com o genro, este exclamou, com surpresa para aquê: «Sou o mais feliz dos homens e a mais deliciosa das mulheres...» Simultaneamente a essa exclamação, noutra dependência do lar, Zizinha, beijando a irmã, dizia-lhe, com as primeiras lágrimas sinceras do seu gozismo: «Obrigada, Dádlina, obrigada pelo teu sacrifício! Obrigada porque me salvaste!»

«Sabê voce porque conheço este segredo? Porque Dádlina, com os seus vinte e dois anos, foi a única mulher digna de ser amada que me meus cinquenta e picos conheçeram. Amamo-nos Eu — como amante platónico; ela... como filha, e como filha confessou-me, há dias, o seu belo sacrificio...»

REPORTER X

## A tirania do espaço

Por absoluta falta de espaço sómos forçados a adiar para o próximo número algumas referências que se prendem com o assunto do Marquês de Sagres.



## Se pretender

já hoje lhe entregaremos

A **GRAFONOLA**  
da marca que lhe interessar  
O **APARELHO RADIO**  
do modelo que preferir  
**OS DISCOS**  
com assuntos de que mais gostar  
**OU A GABARDINE**  
que melhor lhe servir

bastando somente inscrever-se  
nas nossas **VENDAS A PRESTAÇÕES**  
com bonas (sem aumento de preço)

### CASA DOS GRAMOFONES

Sede — 568 - R. DO BOMJARDIM - 530  
Filial — 397 - R. DO BOMJARDIM - 397  
Telefone, 2609 — PORTO



Ao fazer as suas compras,  
não esqueça a conhecida

## CAMISARIA SERRA

que é a casa que mais barato  
vende e melhor sortido tem  
em Camisas, Gravatas, Peu-  
gas e Artigos de novidade. ≡

281, R. Mousinho da Silveira, 287—PORTO

## Peles

Casacos, echarpes e raposas  
nacionais e estrangeiras.  
Pelaria de todas as quali-  
dades e das melhores pro-  
cedências.

Peles avulso para guarni-  
ções.

Curte, tinge, limpa, trans-  
forma e confecciona todas  
as peles.

M. ANÃO, LIMITADA  
R. DOS RETROZEIROS, 58  
R. DOS FANQUEIROS, 376, 2.º

TOKIOL

## Tinta TOKIOL

A MARAVILHOSA TINTA A PINCEL  
QUE SUBSTITUE INCONTESTAVEL-  
MENTE EM TUDO, E POR MUITO ME-  
NOS PREÇO, A PINTURA À PISTOLA,  
POR MAIS PERFEITA QUE SEJA

Exija do seu pintor uma pintura a TOKIOL se quer ficar bem servido

60 oficinas do país  
pintam a «TOKIOL»

DEPOSITARIOS:

**SCHROETER & ALMEIDA**  
R. da Madalena, 128, 2.º-LISBOA



JOÃO DE MELO LAPA  
ADVOGADO

RUA DO BARÃO, 6  
LISBOA



## Grande depósito de tubos de ferro ingleses:

Galvanizados, pretos  
e seus acessórios —  
Metal antifricção —Tubagem  
de aço para caldeiras ==

J. Santos & Silva, Sucr.

Válvulas para bombas e vapor. Torneiras em metal, em todos os géneros

TELEFONE, 2747

Avenida Saraiva de Carvalho, 41

PORTO

DINHEIRO

EMPRESTA-SE:

Sobre papel de crédito,  
nacional e estrangeiro ao  
preço da cotação. Sobre  
ouro, prata, joias, auto-  
móveis e TUDO QUE  
OFEREÇA GARANTIA ao  
máximo do seu valor.

A IDEAL, L.<sup>DA</sup>

R. da Assunção, 88-B.<sup>1</sup>

LISBOA

COMPRAI SÓ



O melhor entre os melhores

284—R. MOUSINHO DA SILVEIRA—286

PORTO



A sair brevemente:

## NOVELA POLICIAL

São 16 páginas de leitura  
empolgante e brilhante-  
mente editadas e ilustradas

Capa a cores—Preço 1 Esc.

DIRECÇÃO:

REINALDO FERREIRA (Reporter X)